



Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica
ISSN: 1516-1498
revistaagoraufrj@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Rezende Cardoso, Marta
Dependência e adolescência: a recusa da diferença
Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, vol. XVII, agosto, 2014, pp. 63-74
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=376534592006>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

DEPENDÊNCIA E ADOLESCÊNCIA: A RECUSA DA DIFERENÇA

Marta Rezende Cardoso

Marta Rezende Cardoso

Psicóloga;
Psicanalista;
doutora em
Psicanálise e
Psicopatologia
Fundamental pela
Universidade de
Paris Diderot —
Paris 7; professora
associada do
Instituto de
Psicologia da
UFRJ (Programa
de Pós-Graduação
em Teoria
Psicanalítica);
pesquisadora
(bolsa de
produtividade
em pesquisa)
do CNPq;
pesquisadora
da Associação
Universitária
de Pesquisa em
Psicopatologia
Fundamental.

RESUMO: Este artigo é dedicado à problemática da dependência psíquica na adolescência a partir de dois eixos de análise: a relação eu/outro e a polaridade interioridade/exterioridade. A experiência de separação do objeto está implicada nessa passagem da vida infantil à vida adulta, vertente central da questão da dependência, em particular nas adições. Pretende-se mostrar o caráter paradoxal do processo de separação na adolescência, seu núcleo primário e edipiano em cujo entrelaçamento situa-se o fundamento de seus impasses. A dependência patológica é marcante na contemporaneidade. Na busca de um prazer absoluto, o sujeito tende a se ver numa situação de isolamento o qual poderá ser mascarado pelo estabelecimento de um elo passional com o objeto.

Palavras-chave: Dependência, adolescência, alteridade, contemporaneidade.

ABSTRACT: Dependence and adolescence: the refusal of the difference. This article is dedicated to the problem of psychic dependence in adolescence from two angles: the relationship of self / other and the polarity interiority / exteriority. The experience of separation from the object is implied in this passage from childhood to adult life, central part of the issue of dependence, particularly in the addictions. It is intended to show the paradoxical character of the separation process in adolescence, its primary and Oedipal core, on whose entanglement lies the foundation of its impasses. Pathological dependence is remarkable nowadays. In search of absolute pleasure, the subject tends to find himself or herself in a situation of isolation which can be disguised by the establishment of a passionate link to the object.

Keywords: Dependence, adolescence, otherness, contemporaneity.

Neste artigo, proponho-me a aprofundar as questões discutidas no II Colóquio Franco-Brasileiro: Dependência e ‘drogas’ na adolescência: entre subjetividade e cultura. Realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, este evento foi promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica juntamente com o Collège International de l’Adolescence e a Université Paris Descartes (França).

Apresentarei uma reflexão sobre a problemática da dependência com o intuito de investigá-la a partir do referencial teórico da Psicanálise. Busco uma melhor compreensão dos elementos metapsicológicos e psicopatológicos, os quais, entrelaçados, estariam situados na base dessa problemática. Nesta se insere o uso de drogas, tema de inquestionável relevância nos tempos atuais e em especial no que diz respeito à adolescência e juventude contemporâneas. Porém, a utilização abusiva de substâncias tóxicas a que hoje assistimos, não sem profunda preocupação, é apenas uma das facetas da situação de dependência psíquica — esta, sim, central na adolescência, experiência subjetiva de travessia da infância à vida adulta.

A questão da dependência na adolescência, tendo em vista a articulação entre subjetividade e cultura será também aqui objeto de breve análise. A estruturação e funcionamento da vida psíquica são indissociáveis de um contexto sociocultural determinado. De acordo com o que enunciei no argumento do mencionado colóquio, a dependência às ‘drogas’, situação clínica que se situa no campo das chamadas ‘novas patologias’, não cessa de nos interrogar sobre determinadas particularidades da cultura contemporânea.

Para explorar os fundamentos da dependência psíquica e alguns de seus desdobramentos, vou me dedicar em primeiro lugar à relação eu/outro, aspecto que me parece primordial no presente estudo. Em um segundo tempo, irei articulá-la à polaridade interioridade/exterioridade.

RELAÇÃO EU/OUTRO: A DEPENDÊNCIA ALÉM DA SEPARAÇÃO

O ponto de partida de minha reflexão se apoia na etimologia do termo dependência, originado no verbo latino *dependere* cuja significação é “pender de”, levando-me a sublinhar, de antemão, que a situação de dependência coloca em questão a dimensão de sujeição, de subordinação, de domínio. Mas faz-se necessário explorar a dimensão de alteridade que daí se desdobra, particularmente a de “servidão ao outro” (CARDOSO, 2010), seus elementos principais e destinos nas situações de dependência extrema, patológica, em especial na adolescência. Trata-se, no caso, de uma servidão ego-corporal em relação a um objeto o qual, no universo intrapsíquico, insiste, sem se fazer ‘dissolver’, com seu caráter absoluto, sinistro e persecutório. A contingência, marca da natureza pulsional do objeto, vê-se

aqui, de certo modo, desviada. Nas situações de dependência, contrariamente ao que seria próprio da pulsão, o objeto é fixo, pressupondo uma relação eu/ outro de tonalidade passional, adesiva, sem plasticidade, sem perspectiva de separação ou de substituição.

Uma das principais vertentes da questão da dependência na adolescência é a experiência de separação do objeto, implicada de forma direta nessa tumultuada e, muitas vezes, traumática passagem. Mas este constitui apenas um elemento inicial na análise que me proponho a realizar, pois, ainda que reconheça a sua inquestionável pertinência e riqueza, tenho o objetivo maior de, partindo desse aspecto, poder ir além dele, abrindo uma nova via. Busco assim aprimorar o estudo da problemática da dependência, limitado, muitas vezes, à vertente da separação, no sentido da ameaça de perda do objeto.

Nas palavras de Isée Bernateau (2010), em seu belo e rigoroso trabalho sobre adolescência e separação, a adolescência é o tempo dos exilados. É também o tempo dos inseparáveis. Segundo essa autora, “a especificidade psíquica da separação na adolescência sustenta-se no seguinte paradoxo: nunca o objeto está tão presente quanto quando está ausente” (p.15, tradução livre). Este paradoxo diz respeito a uma presença dolorosa advinda da própria ausência do outro que provoca, de uma só vez, o temor de dele se separar e de dele não poder se separar.

A partir dessas proposições, pode-se vislumbrar, dentre outros elementos, a inescapável vivência subjetiva da solidão na adolescência, considerando toda a complexidade dessa vivência. Esclarece a autora: “Entre a nostalgia melancólica de um objeto para sempre perdido e a inquietante estranheza — o ‘estranho’ de um objeto onipresente em sua própria ausência — o processo de separação se dá num limiar muito deslizante” (BERNATEAU, 2010, p.15 tradução livre).

O limiar aqui mencionado concerne à relação entre separação e perda, relação sem dúvida tênue e fronteiriça, muitas vezes confusa para o sujeito adolescente, suscetível de nele engendrar dor, dor psíquica. Porém, mesmo que comporte uma face potencialmente traumática, a separação tem caráter estruturante. É a singularidade da história psíquica de cada sujeito e de suas vicissitudes que revelará, *a posteriori*, as aberturas e impasses desse processo de elaboração de perdas e rupturas, inevitáveis na adolescência. Nelas confluem aspectos narcísicos e objetais, na confluência também do mesmo e do diferente e, de modo complementar, do íntimo (familiar) e do estrangeiro. No interior do sujeito adolescente há intensa confusão entre separação e perda. E isso tampouco pode ser desvinculado da reviravolta que a puberdade inaugura, no plano da sexualidade, nesse corpo já desde sempre ocupado e desviado pela emergência da pulsão, motor da vida subjetiva.

“A reproblematação do narcísico e do objetal, assim como as metamorfoses da puberdade, reavivam a ameaça de uma perda irreversível. Os primeiros tempos da vida são atravessados de novo. O processo de separação encontra aqui seu fundamento, pois a sexualidade humana requer, em seu exercício próprio, o descolamento dos objetos da infância, sua substituição por outros objetos que serão os objetos do desejo.” (BERNATEAU, 2010, p.59, tradução livre)

Estamos diante da revivência da situação de desamparo infantil, inescapável na adolescência. Mas é da maior importância perceber que esta revivência se impõe ao psiquismo adolescente em seu entrecruzamento com a repetição do Complexo de Édipo, fazendo retornar, com toda a força, fantasias sexuais recaladas que, a partir de então, emergem no contexto de um novo corpo. Este, apto agora à realização do ato sexual e da reprodução, não mais dispõe da proteção da própria condição infantil. O exercício da sexualidade, com sua exigência incontornável de rompimento com os objetos da infância, é a condição para que o sujeito venha a investir em outros objetos, aqueles que serão tratados de modo concreto pelos jogos pulsionais como objetos de desejo. Temos aqui um elemento a ser levado em conta se quisermos avançar no entendimento do eixo separação/autonomia, fundamental na passagem da adolescência.

O plano do primário se integra ao do edípico — plano do secundário — e interroga-nos acerca da retomada do infantil, sobre as suas potencialidades e eventuais impasses, num movimento que se dá a partir da lógica do *a posteriori*. É neste movimento, historicizante, que o novo corpo, vivido de início como estrangeiro, poderá, no melhor dos casos, vir a ser integrado, tornado familiar. É também por essa via de apropriação que o sentimento de solidão e o de temor ou, mais precisamente, de angústia de separação, poderão ser ultrapassados.

Lembra-nos Bernateau (2010) que, em “Inibições, sintomas e ansiedade”, Freud (1926/1996) fizera menção a três situações a partir das quais eclodiria a angústia infantil: quando a criança está só, quando se vê na escuridão e quando encontra uma pessoa estranha no lugar daquela que lhe é familiar. Nas três situações é a ausência da pessoa amada a condição da angústia. Mas a questão no caso não é a do perigo ou da solidão por si mesmos: se a pessoa amada falta à criança, isto se deve unicamente ao fato de apenas ela poder satisfazer suas pulsões as quais, sem aquela presença, transformam-se em angústia. A angústia de separação é, então, a consequência direta do estado de desamparo originário do bebê, angústia destinada a desaparecer em seguida quando o sujeito pode assegurar por si mesmo sua sobrevivência.

A adolescência produz a retomada violenta dessa angústia arcaica de separação pelas múltiplas e violentas rupturas que promove, e pela exigência de trabalho que impõe. Mas é necessário ter-se em mente — e este é o ponto que me inte-

ressa — que o caráter insuportável da angústia de separação é, ao mesmo tempo, desejo de separação. Partindo desta suposição, devemos considerar, com a devida atenção e rigor, a incidência do entrecruzamento, na adolescência, da revivência do desamparo infantil e da do Édipo, às quais já fiz menção.

Entendido à luz dessa perspectiva, o problema da separação, em particular o da angústia que essa experiência suscita, revela-se bem mais complexo e paradoxal do que poderia a princípio parecer. Como precisa Jacques André (2004, p.55): “Na angústia de separação, não é, apesar das aparências, a separação que é angustiante, mas sua impossibilidade”.

Em entrevista realizada com esse autor há vários anos (CARDOSO, 2000), dedicada, dentre outros temas, ao da separação e ao papel que tem desempenhado na psicanálise contemporânea, a pergunta é: não estaríamos correndo o risco de fazer da separação, da angústia a ela associada, a sua “cruz”? A resposta que ele nos oferece é bastante instigante e não deixa de fazer pensar, mais uma vez, no que Freud (1926/1996) sublinhara acerca da complexidade da angústia de separação em “Inibições, sintomas e ansiedade”:

“A separação é uma experiência equívoca que é impossível de rebater sobre uma significação única. Sabemos de que modo Freud interpretava a angústia de separação, invertendo os termos. Não é a ausência da mãe que faz com que a criança tenha medo na escuridão, ou da presença de um rosto estranho, mas sim o excesso paradoxal de sua presença, sob a forma de uma fantasia incestuosa que ataca o ego de dentro, sem encontrar fora as vias de uma possível satisfação.” (ANDRÉ, 2004, p.78-79)

Ou seja, o risco subjacente, em essência, é o de uma não separação com um objeto com o qual se poderia restabelecer um elo perigoso, incestuoso. O risco é, portanto, de um encontro insistente com o duplo de si, que traz em sua base a angústia de dominação pelo objeto, angústia de passividade fundamental, de servidão ao outro, mas, simultaneamente, de desaparecimento do outro. Reencontramos neste ponto, com bastante nitidez, as angústias paradoxais típicas dos casos fronteiriços, estados limites nos quais há permanente oscilação entre essas duas angústias.

Em vários adolescentes, “esta angústia dupla surge quando o objeto, sempre próximo demais ou longe demais, ameaça tanto desaparecer como invadir” (BERNATEAU, 2010, p.143-144, (tradução livre). Quando essa vivência interna se cristaliza, as respostas defensivas tendem a comportar um caráter elementar e precário, apelando, muitas vezes, ao registro do ato e do corpo. O acionamento dessas defesas-limite pressupõe, na base do funcionamento psíquico do sujeito, a presença de um afluxo pulsional excessivo, indissociável da fragilidade dos limites

egoicos, quadro ancorado, portanto, na presença do traumático, configurando-se como estado limite.

“A frequência do agir, das condutas marginais e delinquentes, das dificuldades escolares, das manifestações centradas no corpo, do sentimento de vazio e morosidade, da massividade da projeção (do que é mal no exterior), da idealização inversa de um bom objeto protetor, da recusa (do conflito) e, enfim, da fragilidade de uma identidade deslizante autorizam a falar de estados limites próprios à adolescência.”
(RICHARD, 2001, p.53, tradução livre)

Como tive ocasião de desenvolver em “Adolescência e ‘violência’: uma questão de fronteiras?” (CARDOSO, 2001), o sujeito adolescente terá que ir ao encontro de um outro de si. Mas deverá, ao mesmo tempo, manter preservadas as suas fronteiras egoicas. Há na adolescência intenso abalo das bases narcísicas do sujeito em função do remanejamento das identificações secundárias nela implicadas. O trabalho da adolescência demanda o desinvestimento das ligações aos objetos da infância. No entanto, as identificações primárias deverão permanecer sólidas, mesmo que em sombra, garantindo a permanência e continuidade do ser em sua descontinuidade, para que a perda do objeto não venha implicar a perda do ego. No meu entender, a adolescência constitui efetivamente uma problemática de fronteiras.

DEPENDÊNCIA ADICTA: UMA RECUSA DA DIFERENÇA?

O mal amar, o não reconhecimento do sujeito em sua diferença, na singularidade de seus desejos, seja pela imposição de um amor mal colocado, excessivo ou faltante, poderá ser responsável por uma má retomada, na adolescência, das fantasias e roteiros próprios ao infantil. Estes fatores se aliam de forma sobre determinada a outros — particularmente, como mostrarei adiante, àqueles advindos na contemporaneidade de um universo sociocultural cuja marca seria um “além do mal-estar”. De que modo esses vividos levariam a um estado de dependência ao outro como é o caso, por exemplo, das adições, tão presentes na atualidade?

A adição implica “o ato e o corpo, a compulsão e a dependência, na busca de uma satisfação solitária (mesmo em grupo), sem pensamento, sem palavra, num tempo diferido ou abolido: o efeito do processo aditivo” (BRUSSET, 2010, p.67, tradução livre). Lutando para superar um estado de dependência afetiva em relação aos objetos internos e externos, o sujeito vê-se confrontado a outra forma de dependência que, paradoxalmente, tenderá a acentuar essa própria dependência que ele visa superar.

O objeto da adição faz abolir a temporalidade, exclui o sexual, a linguagem; atualiza-se assim um modo singular de relação ao objeto interno: o do domínio, da servidão ao outro. Deste modo, o objeto é apagado em sua alteridade. Está aí em jogo um estranho modo de relação objetal no qual impera a desobjetualização, nos termos que Green (1988) considera a ação da pulsão de morte.

A propósito da relação aditiva, Joyce McDougall (2002) chama a atenção para a questão da busca no mundo externo de uma situação na qual a função materna, revelando-se faltante, poderá ter como resultado a impossibilidade de acesso do sujeito à transicionalidade, que o capacitaria a ir ao encontro com a diferença. Mas quais seriam as razões do perigo desse encontro com a diferença, perigo de uma relação afetiva com outro diferenciado de si?

Sabemos que a prática solitária própria à conduta aditiva, “evita a relação com o outro (...) tornando possível a experiência temporária ilusória do gozo numa posição de onipotência por indiferenciação” (BRUSET, 2010, p.72, tradução livre). A dinâmica envolvida nesse fenômeno não é a do recalque, mas a da clivagem, clivagem ao eu, sob a lógica do irrepresentável e da autodestrutividade cujos correlatos são, dentre outros, a fragilidade narcísica e as perturbações no sentimento de identidade.

Como busca de prazer sem limite, prazer além do princípio do prazer, a adição e as situações de dependência extrema, patológica, supõem a falência do “trabalho do negativo”. De acordo com André Green (1993), este implica uma dissolução do objeto em si, com consequente abertura à diferença. A dependência patológica aponta para o elo com um objeto-coisa — coisa não transformável — que Joyce McDougall (2002) trata em termos de objeto transitório por conta da própria ausência que comporta de uma dimensão de transicionalidade. Trata-se de um objeto sempre “fora”, incapaz de “resolver de forma durável a falta interna, a ausência” (MCDOUGALL, 2002, p.22-23, tradução livre).

Nestes casos, a relação com o objeto é referida a um tempo oral, canibalístico, arcaico e ‘informe’, “onde o objeto e o eu fazem (pelo gozo e misticamente) um nessa identidade comum, tentativa sempre renovada de estabelecer um par eu-objeto, mas tentativa sempre abortada em função de traumas/fissuras/clivagens precoces do eu que entravam o ‘trabalho do negativo’” (PILOT, 2010, p.53, tradução livre).

A dependência corresponde a um entrave no encontro com o objeto, expressão, no meu entender, de uma recusa da diferença. Ao recusá-la, tenta-se uma dominação-limite daquilo que tenho denominado “transgressão pulsional”, ou seja, irrupção de um excesso pulsional nas fronteiras egoicas. Explorei esta modalidade de recusa, por exemplo, no artigo “Violência, domínio e transgressão” (CARDOSO, 2010) no qual me voltei mais para a questão da violência manifesta, atuada, em especial a resposta das passagens ao ato envolvendo agressividade.

Penso, porém, que a recusa da diferença estaria também na base das situações de dependência extrema, resultando, como resposta defensiva, na tentativa de dominação-limite, domínio do outro por apropriação violenta, sem elaboração. Deste modo, o objeto estaria supostamente sob o domínio do ego o qual permanece, no entanto, dominado pelo objeto interno, num estado de passividade radical.

O EIXO INTERIORIDADE/EXTERIORIDADE

O objeto sempre “fora”, do qual nos fala McDougall (2002) através da noção de objeto transitório, convoca um eixo de análise dos mais essenciais na problemática da dependência: a da interioridade/exterioridade, eixo central, aliás, no campo dos estados limites, de modo geral. Nestes, “a interioridade vê-se suplantada por uma tendência à exterioridade, justamente em função dos limites da capacidade de representação e de recalque” (CARDOSO, 2011b, p.83). Não há, no plano interno, a constituição de uma zona fronteiriça entre o eu e o outro. É preciso lembrar que a força pulsional excessiva constitui uma exterioridade, uma “diferença” em relação ao espaço egoico.

Na dependência patológica, os objetos externos são instáveis pelo fato de o acesso à transicionalidade ser precário, dificultando a dialetização do espaço do dentro e do fora. “A perda do outro, o seu desaparecimento, corresponde a uma perda de si” (idem, p.87). A ameaça nesses casos não seria a de perder o objeto, mas a de não poder perdê-lo, o que torna essas situações bem distintas da melancolia. Mas é preciso perceber que elas também se distinguem da psicose onde, diz Jacques André (2001, p.106), “o outro é um eu”. Nos estados limites, “o único eu é um outro, outro fora de si, no exterior”.

Vindo complementar esta discussão sobre a interioridade/exterioridade e seu papel nas situações de dependência patológica, a questão do teste de realidade nos estados limites mostrou-se uma via bastante frutífera. Apoio-me, neste ponto, nas contribuições de Luis Claudio Figueiredo (2004) em “Os casos limites: senso, teste e processamento da realidade”. Como indiquei antes, a problemática das fronteiras psíquicas se articula de forma estreita à adolescência e, principalmente, quando se trata de analisar as respostas atuadas com forte apelo ao corpo, tão frequentes na adolescência atual.

Mostra Figueiredo que nos fronteiriços haveria singular dificuldade nos processos de discriminação entre interno e externo. Neles, os testes de realidade — de acordo com a definição freudiana dessa noção — se fazem possíveis, mas de forma ineficaz, por serem acionados de maneira excessiva, sempre necessária, o que pressupõe a ausência de efetivo processamento de realidade. Em suas palavras:

“Parece clara a função dos frequentes ‘testes de realidade’ em pacientes com esta patologia, bem como os limites deste dispositivo de discriminação entre o interno e o externo. Os indivíduos que recusam a diferença e a exclusão e não podem tolerar a inclusão e a continuidade, são ameaçados, a partir desses dois lados, pelo aniquilamento. Recorrem ao teste de realidade para se livrarem, ora de uma ameaça, ora de outra.” (FIGUEIREDO, 2004, p.515)

O uso do teste de realidade visa aqui à tentativa de se escapar dos extremos desses dois polos: o da exclusão-diferença total e o da total inclusão-continuidade. O ponto de ancoragem desta problemática é a relação com a alteridade. A recusa da diferença vai de par com a intolerância à inclusão e continuidade.

Essas afirmações de Luis Claudio Figueiredo se sustentam não apenas em elementos próprios ao plano das relações primárias, mas se baseiam sobretudo na singularidade da configuração edipiana nessas situações clínicas. Defende o autor, com justeza, que a precariedade dos processos de triangularização tem papel determinante nesse apelo que se faz contínuo, repetitivo, aos testes de realidade — exatamente pelo seu caráter incessante, sinal de visível ineficácia. A construção do senso de realidade pressupõe uma temporalidade distinta desse imediatismo presentificado e suporia, também, a presença de um espaço interno suficientemente ampliado e multifacetado. “É a triangularização edípica, no que contém de inclusão na exclusão e continuidade na diferença, que cria as condições propícias para a instalação de um senso de realidade em suas dimensões espaciais e temporais” (FIGUEIREDO, 2004, p.514).

Desse modo, a dimensão traumática da cena primária, antes da entrada do Édipo, é colocada em evidência nessa análise. Isto se dá pela imposição à criança de uma experiência de exclusão radical e também pela sobrecarga de excitação libidinal acompanhada de agressividade. Neste caso, a violência é de exclusão e de inclusão por engolfamento, pelo fato de as relações diádicas ainda serem predominantes, ou seja, estarem submetidas a uma temporalidade que precede a possibilidade de o sujeito se situar como um terceiro em cena.

A hipótese do autor é que: “algo equivalente à cena primária está na origem dos transtornos borderline, desde que se entenda que esta experiência traumática tenha ocorrido sob a dominância das relações diádicas, impedindo a aceitação mínima da realidade como limite, princípio da exclusão e da diferença” (FIGUEIREDO, 2004, p.510-511).

Trata-se, portanto, de uma recusa da diferença, que é obstáculo às relações triádicas das quais dependeria a constituição e a qualidade dos processamentos de realidade.

A precariedade da instalação do senso de realidade, manifestada no incessante apelo aos testes de realidade aos quais fiz referência, caracteriza a dependência

como patologia de externalização da luta psíquica interna, onde os movimentos pulsionais são expressos de maneira imediatista, presentificada, sugerindo, como também o considera François Richard (2011, p.23), uma sensorialidade generalizada, acompanhada de insatisfação e destrutividade dirigida contra si mesmo e, muitas vezes também contra os outros.

Considerando o crescente apelo na adolescência e juventude contemporâneas ao corpo e ao ato como modalidades de defesa radical, dentre elas as múltiplas formas de dependência a um objeto-coisa, pergunto se não estariámos hoje diante de uma crise de subjetivação. Em razão da insistência do traumático, correlacionadas à má delimitação das fronteiras egoicas, a problemática-chave aqui é a do dentro e do fora, aliada à do estrangeiro e do familiar. Os objetos são instáveis, incertos nas configurações limites. Quando a perda do outro corresponde a uma perda de si, a verdadeira ameaça é a de não poder perder, e esta seria, no entanto, a condição necessária para se libertar do domínio do outro interno.

A DEPENDÊNCIA ALÉM DO “MAL-ESTAR”

Encontramo-nos hoje em um além do “mal-estar” cuja expressão, dentre muitas outras figuras, seria a presença insistente nos sujeitos de uma expectativa narcísica de caráter ilimitado. Esta pressupõe visível desconhecimento de seu próprio sofrimento, ou melhor, de sua dor psíquica. A dependência patológica é uma das figuras dessa dinâmica e economia psíquicas movidas por um transbordamento pulsional e por uma insuficiência narcísica de base. Esta situação tem aguda ressonância na dinâmica que parece mover, em grande parte, a formação dos valores culturais próprios à contemporaneidade. Imerso numa cultura voltada para o prazer absoluto, o sujeito tende a se encontrar numa situação de profundo isolamento o qual poderá vir a ser mascarado pelo estabelecimento de um elo passional que vem uni-lo a um “objeto único”, objeto-coisa, objeto de uma dependência extrema.

Se não há limite para as exigências pulsionais, não há, portanto, o estabelecimento de sólidos laços sociais. A economia pulsional tende a uma descarga radical no exterior, a uma evacuação imediata da energia pulsional, perturbadora no interior do psiquismo. “O afrouxamento nos processos de hierarquização social, de marcação de limites, de papéis e funções sociais tem como possível reação patológica, a des-inscrição psíquica dos elos coletivos” (CARDOSO, 2001, p.52). Parece haver confusão entre igualdade e mesmeidade, com a consequente perda progressiva da capacidade do sujeito de lidar com o outro, numa crescente recusa da diferença. Este aspecto não pode deixar de ser invocado quando nos perguntamos sobre as possíveis determinações desse incremento de casos limites, fronteiriços, que a clínica e a subjetividade contemporâneas parecem exibir.

Porém, toda esta reflexão sobre a dependência patológica na adolescência, apoiada na dimensão de trauma, de excesso, de transbordamento pulsional, tendo em vista os impasses e turbulências que provoca no campo da relação eu/outro, não deixa de nos fazer pensar sobre outros possíveis destinos no processo de subjetivação da adolescência e da juventude, destinos não menos relevantes e surpreendentemente atuais — e que acenam para uma perspectiva de criação, e não de destruição.

O sentimento de insuficiência, de desespero e mesmo de desolação diante da precariedade das condições de constituição subjetiva, e dos impasses que a sociedade de hoje impõe aos sujeitos nos conduziram a abordar a questão da “transgressão pulsional”. Esta é, no entanto, capaz de também fazer eclodir, numa espécie de inversão em seu oposto, um ruidoso e violento vivido de indignação, com todo o seu potencial criativo, de transformação e libertação.

A demanda de “passe livre” — expressão que escolhi, finalizando este artigo, para invocar aquilo a que assistimos no Brasil nos movimentos de junho de 2013, não sem grande impacto — parece apontar, além do seu sentido mais restrito, para uma luta coletiva pela abertura na construção de laços sociais, luta por uma ampliação de fronteiras e de trânsito entre elas o que, no plano individual, vai na contramão do isolamento próprio à relação com um objeto-coisa, onipotente e perseguidor, despertando o campo dos ideais e sua dominância na vida psíquica e, portanto, a perspectiva de um reencontro com a diferença.

Mas, a participação dos jovens nas manifestações de junho demanda ainda muita reflexão a partir do referencial de diferentes campos de saber, inclusive o da Psicanálise, projeto que deixo aqui anunciado para um futuro trabalho.

Recebido em 3/2/2014. Aprovado em 6/2/2014.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, J. Entre angústia e desamparo. *Revista Ágora*, v.IV, n.2, jul/dez de 2001, p.95-109.
_____. *L'imprévu en séance*, Paris: Gallimard, 2004.
BERNATEAU, I. (2010) *L'adolescent et la séparation*. Paris: PUF.
BRUSSET, B. (2010) Entre corps et addiction: la psyche eclipsée, in CUPA, D.; REYNAUD, M. MARINOV, V; POMMIER, F (Orgs.) *Entre corps et psyché: Les addictions*. Paris: EDK.
CARDOSO, M.R (2001) Entrevista com Jacques André. *Cadernos de Psicanálise SPCRJ*, Rio de Janeiro v.16, n.19, p.77-82.

- _____. (2001) Adolescência e ‘violência’: uma questão de fronteiras?, in CARDOSO, M. R. (Org.) *Adolescência: reflexões psicanalíticas*, Rio de Janeiro: Nau, 2001, p.41-53.
- _____. (2011) A “servidão” ao outro nos estados limites, in CARDOSO, M. R. e GARCIA, C. A. *Entre o eu e o outro: espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, p.17-27.
- _____. (2011a) Violência, domínio e transgressão, in CARDOSO, M. R. e GARCIA, C. A. *Entre o eu e o outro: espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, p.104-113.
- _____. (2011b) A impossível “perda” do outro nos estados limites: explorando as noções de limite e alteridade, in CARDOSO, M. R. e GARCIA, C. A. *Entre o eu e o outro: espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, p.77-90.
- FIGUEIREDO, L. C. Os casos limites: senso, teste e processamento da realidade, in *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.38 (3), 2004, p.503-519.
- FREUD, S. (1996) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- (1926) Inibições, sintomas e ansiedade, v.XX, p.107-201.
- GREEN, A. (1988) Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetualizante, in GREEN, A. [et al.]. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, p.53-64.
- _____. (1993) *Le travail du négatif*. Paris: Minuit.
- McDOUGALL, J. (2002) L'économie psychique de l'addiction, in MCDOUGALL et al. *Anorexie, addictions et fragilités narcissiques*, Paris: PUF, p.11-36.
- PIRLOT, G. (2010) Passions addictives, passions en négatif, in CUPA, D.; REYNAUD, M.; MARINOV, V; POMMIER, F (Orgs.) *Entre corps et psyché: Les addictions*. Paris: EDK, p.43-64.
- RICHARD, F. (2001) *Le processus de subjectivation à l'adolescence*. Paris: Dunod.
- _____. (2011) *L'actuel malaise dans la culture*. Paris: Olivier.

Marta Rezende Cardoso
rezendecardoso@ig.com.br